

PRIMEIRO ACTO

(A Mulher da Túnica Branca, de olhos fechados, cabeça pendida, braços pen didos e um livro amarelento nas mãos, vela, de pé, rente à cabeceira, a ar ca tumular.

O Figurão Obeso surge do arco de entrada, atirando convictas e reboadoras patadas ao chão de cripta. Olha para todos os lados. Pára, todo senhor e satisfeito da sua ingráciosa presença. Dá à cabeça e entreabre o indefinido sorriso malandro do sádico felizão que se apronta para gozar com o sofrimento alheio. Pousa caute losamente na arca tumular as pastas e o sobretudo, reservando-se a cachapor ra. Ajeita o sobretudo, não vá enrugar-se. Repara numa chapada, talvez de bosta seca, na banda do sobretudo.

Torce uma carantonha de desagrado.
Curva-se, raspa a bosteira com a
unha do indicador. Esvova-a depois
com a manga. Queda-se, olhando no-
vamente à roda, com sintomáticos e
filosóficos acenos de cabeça. Fala,
a falar com os seus botões)

O FIGURÃO OBESO

Bonito! Muito bonito! E é isto uma Repartição Pública! Uma Repartição Pública, durante as horas do serviço regulamentar! Ninguém! Às moscas! E é isto uma Provedoria dos Defuntos e Ausentes! Subordinada à austera e severa disciplina da Provedoria-Mor! À suprema e inteligente provisão e coordenação do Excelentíssimo (agacha-se) Provedor-Mor! (desagacha-se) Uma beleza! Uma beleza de Repartição Pública! (Avista, por fim a Mulher da Túnica Branca e dirige-se-lhe, feroz. Mete a cachaporra sobre o braço esquerdo e poussa-lhe a direita no ombro). Quem é a senhora? Já tinha obrigação de me ter visto! De me ter cumprimentado! (A Mulher da Túnica Branca segue imóvel) Acorde! Aqui a dormir em pé! Acorde prontamente! (Abana-a). Acorde respeitosamente! Porque estou eu aqui! Eu! Eu!

O Visitador Extraordinário da Provedoria-Mor! (Tira a carteira do bolso, e, dela, uma papelada que mete à cara da Mulher da Túnica Branca). O meu bilhete de identidade! Estou a identificar-me! Para evitar contrafacções! (A Mulher da Túnica Branca segue imóvel. O Figurão Obeso recolhe a carteira. Abana a Mulher da Túnica Branca, à bruta.) Está a dormir, ou a fingir que dorme? acorde, que estou eu aqui! Não vê que estou eu aqui? Um superior hierárquico! Um Visitador Extraordinário da Provedoria-Mor! (Pausa. Berra. Abana-a, furioso). Acorda, ou não acorda? Ou acorda imediatamente, ou levanto-lhe um auto por desobediência involuntária! (A Mulher da Túnica Branca ergue por fim a cabeça. Olha o Figurão Obeso, mede-o, da cornadura às patas, volta a inclinar a cabeça e a fechar os olhos. O Figurão Obeso teima em abaná-la.)

A MULHER DA TÚNICA BRANCA

(Soergue de novo a cabeça, reabre os olhos e dirige-os ao alto. Fala como para as nuvens) Nem já eu posso ser eu! Que tempos e que homens! Que tempos e que homens! Nem já eu posso ser eu!

(Volta a fechar os olhos
e a inclinar a cabeça)

O FIGURÃO OBESO

(Abana-a mais. Ela abre os olhos e fita-o, fica a vará-lo com inexprimível desdém) Não deixarei de fazer expressa referência a tão desrespeitosas e impróprias expressões no meu oportuno e rigoroso relatório!

A MULHER DA TÓNICA BRANCA

(Voz de desprezo) Relatório? Vais fazer um relatório? Pois põe lá tudo quanto quiseses nesse teu relatório mas deixa-me contnuar a sonhar! Deixa-me! Deixa-me continuar morta!

O FIGURÃO OBESO

(Terrível) A tratar-me de tu? A mim? A tratar-me de tu? Eu já lhe digo! Vai já ver! Deseja, então, continuar morta? Convém-lhe continuar morta! Invoca o direito de estar morta! Como se a Provedoria-Mor reconhecesse o direito de estar morto aos seus subordinados! Aos seus faxinas! Aos que lhe devem obediência, e obediência cega! O direito de estar morto, sem primeiro o ter requerido! E sem o deferimento do Excelentíssimo (agacha-se) Provedor-Mor! (desagacha-se) A não ser que tenha sido ele que, por conveniência de serviço, os tenha mandado matar! Porque então já